

# O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## SUMMARIO

**A Era da immoralidade**, pelo padre Senna Freitas. — **SECÇÃO RELIGIOSA: Lido XIII e a Encyclica**, pelo conde de Smodães; **De Vianna a Caminha, polemica sobre os conventos**, pelo padre Senna Freitas. — **SECÇÃO SCIENTIFICA: A medicina em nossos dias**, por Bernardino J. de Senna Freitas. — **SECÇÃO CRITICO-BIBLIOGRAPHICA: Saraiva e Castilho**, pelo padre Senna Freitas. — **SECÇÃO LITTERARIA: Thereza de Jesus**, por D. Maria del Pillar Sinués, tradução do padre Lima. — **EDICIONS DE PROPAGANDA CATHOLICA: Historia Popular dos Papas**, pelo padre João V. Neves Castro da Cruz. — **RETROSPECTO DA QUINZENA**, por J. de Freitas.

## GUIMARÃES, 15 DE OUTUBRO

### A Era da immoralidade

Nem só no bem ha harmonia, o mal tambem possui a sua harmonia, uma harmonia sinistra, horrenda, mas real. A crença encontra no complexo de todas as virtudes um echo harmonico, já que é ella que as inspira, e o scepticismo depara nas ignobes paixões, e nas mais profundas aberrações do coração do homem um echo horripilante, mas harmonico como a descrença que as origina. A verdade e o erro, o bem e o mal tem a sua logica fatal, e por assim dizer, a sua *engrenagem*, porque no mundo moral como no mundo physico a cadacia nunca se quebra, tudo se relaciona e se liga. A gravitação dos astros não é estranha á queda d'uma folha, nem a apostasia de Lutero ás *formosas delicadezas* do seu estylo.

O suicidio, o duello, o assassinato, o roubo estão perfeitamente na ordem do dia. A estatistica negra do crime nunca assumiu as proporções da hora presente. Pois bem. Em todos estes crimes existe uma monstruosa harmonia, mas uma harmonia incontestavel. Elles são o echo do scepticismo desolador que tem surtido invadir as baixas camadas da sociedade, particularmente em França.

Suprimida a crença da espiritualidade e da immortalidade da alma humana, está suprimido o vinculo da moralidade, e o homem, desembaraçado de toda a responsabilidade que ultrapassa o campo raso do tumulo, attinge um incrível desprezo da vida perante o soffrimento, assume instinctos de

panthera, covardias de hyena, e manhas rapaces de chacal.

Escolhamos um ponto, Paris. E' esta a cidade do inverosmil. Alli fervilham vicios, revolvem-se paixões, commettem-se crimes que erriçam os cabellos dos homons de maior sangue frio. Ha uma exposição universal que nunca se fecha em Paris, é a do suicidio, do duello, do assassinato e do roubo.

Outro dia escrevia Carlos Monselet, o chronista das *moralidades* da grande metropole: «Durará isto ainda por muito tempo? Dar-se-ha o caso que os arrabaldes de Paris sejam d'ora em diante assignalados, todos e cada um d'elles, com uma noção de sangue? que se saia do lugar onde estão construidos caramanchões pelos assassina-tos que n'elles se tem commettido? Que lindos sitios de prazer me estragaram para todo o sempre! Contarei as aldeias que me são d'ora em diante vedadas por uma recordação homicida? Tinha eu um delicioso itinerario para os Domingos de estio; cillo corrigido pela *Gazeta dos Tribunaes*:

- «O assassinato de Montreil.
- «O cadaver de Joinville-le-Pont.
- «O envenenamento de Chaton.
- «O enforcado de Bezons.
- «Os afogados de Asniers.
- «O drama de Bougival.
- «A carnesficina do Hecq.
- «O infanticidio da Caza-Laffite.
- «O parricidio de Ville d'Avray.
- «O incendiario de Creteil.
- «O sacrilegio de Meudon.
- «O fratricidio de Argenteuil,
- «O estupro de Bois-Colombe.
- «O suicidio de Nogent, etc., etc.»

O botanico parriense que fôr herborisar pelos arredores de Paris corre d'aqui em diante grande risco de colher, em vez d'algum pé de meimendo, ou d'alguma raiz de altêa, o braço d'uma mulher esquartejada, ou o facão ainda meio ensanguentado, que a retalhou.

Na Allemanha, na Italia, em Hespanha e mesmo em Portugal o assassinato e o suicidio vão-se tambem tornando *de moda*, á modida que a religião cessa de o ser, porque a immoralidade, como já dissemos, é a equação da descrença que salteia os indivi-

duos e os povos. A's estatistas não se responde. E' o argumento brutal, o argumento dos algarismos. As sociedades europeas repellem o seu principio salvador, o christianismo, e despenham-se nos horrores do nihilismo. Abrirão ao menos os olhos ante a fauce escancarada do sorvedouro?...

PADRE SENNA FREITAS.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Lido XIII e a Encyclica

A ultima e admiravel Encyclica de Sua Santidade, acerca da reforma dos estudos, tem sido objecto de acaloradas discussões na jornalismo estrangeiro.

Entre nós não deu ella motivo a debates de qualquer importancia. O nosso jornalismo, intitulado liberal, quando fosse mister sahir das accusações vagas e velhas contra a Igreja e o Papado de fomentadore da ignorancia e inimigos da civilização, e entrar em discussão seria, elevada e scientifica, não poderia dar um passo, porque tem a sua instrucção baseada nos ligeirissimos escriptos de superficialis autores, e carece de todos os conhecimentos solidos das sciencias moraes.

Não tivemos pois lucta acerca d'este melindroso assumpto, mas houve-a e acalorada em França, na Italia e na Allemanha, e não só os jornaes foram echo d'esta discussão, mas já se tem publicado livros sobre a questão, que é seria o propria para servir de prova dos conhecimentos dos contendores.

Qualquer que seja a opinião dos diversos escriptores que tomam este argumento para as suas dissertações, o que é indubitavel e fóra de discussão é o zelo e actividade incessante do illustrado Pontifice na questão do ensino. Embora se siga parecer contrario ao de Sua Santidade quanto á direcção dos estudos, não se pôde dizer que o Papa n'esta quadra pelo menos promova a ignorancia e sustente o principio da não instrucção.

O egregio Pontifice, continuando as tradições ininterruptas da Igreja universal, e em especial recordando-se da época esplendida de outro Papa, que tivera o mesmo nome, e que deu a um seculo o esplendor litterario e artistico mais brilhante, apresenta-se desde o começo do seu admiravel pontificado como o reformador illustra-

do do ensino publico e mostrando que a nomeada, que acompanhava ao solio, do erudito e sabio, sustentava em ambas as habila-

A questão não pôde travar-se senão no campo de ser ou não ser a philosophia escolastica aquella que pôde conluzir o espirito a mais solidas conclusões, e concorrer mais efficazmente para o progresso scientifico em todos os ramos do saber humano.

O sabio Pontifice, conhecedor profundo d'esta questão, mestre em todos os systemas philosophicos, apparece-nos a inculcar como preferivel a tudo o methodo escolastico, em que tantos engenhos se distinguiram, dando ao mundo obras immortaes, que nunca foram exceedidas, sem embargo da incessante sequencia de novas philosophias, que durante seculos vieram obscurecer aquella, e introduzir a anarchia nas sciencias, quando consideradas na sua parte abstracta, elevada e theoretica.

Tão formidavel foi a revolução, que esses systemas successivos causaram nos espiritos, tão pronunciado foi o desánimo, que elles produziram, que os homens, extenuados por tantos desenganos, chegaram a advogar a independencia da philosophia, a condemnação de todos os systemas e a adopção do methodo positivista, que conduz necessariamente ao scepticismo e portanto á ignorancia, ao indifferentismo, á aniquilação do pensamento.

E' sobre os ramos de todas essas philosophias, e sobre a demonstração palpavel de que o positivismo é insustentavel em frente dos direitos imprescriptiveis da razão humana, que o Chefe Supremo visível da Igreja fez sobresahir o methodo escolastico, que deu á sciencia e á arte as epochas mais esplendidas do seu progresso.

Não é impertinente a questão, muito especialmente no tempo, em que nos encontramos, quando os cartesianos desapareceram, e os philosophos allemães se destruíram uns aos outros, deixando por unica solução o positivismo, que avidamente foi abraçado por muitos. Leão XIII levanta novamente o estandarte da philosophia christã, e chama para ella a attenção dos sábios, dos estudiosos e dos pensadores.

Este estandarte, erguido bem alto, pela maxima auctoridade, que ha na terra, e por uma respeitavel auctoridade scientifica, é o objecto das settas dos adversarios, que, inquinados pelo positivismo, receiam e com razão que raiem de novo os luminosos dias da philosophia christã, contra a qual a lucta termina necessariamente em debandada e derrota infallivel.

E com effeito se compulamos a historia encontramos que o grande renascimento das sciencias, das letras e das artes coincide com o desenvolvimento e propagação da escolastica de S. Thomaz d'Aquino, de S. Boaventura e do Dante.

(Continúa).

CONDE DE SAMODÃES.

De Vianna a Caminha

POLEMICA SOBRE OS CONVENTOS  
(Continuação)

O anno de 1875 tinha tres dias, quan-

do dois cavalleiros se encontraram por acaso ao sahir da cidade de Vianna. Iam ambos em direcção a Caminha.

Um d'elles era o redactor de... e o outro um professor de philosophia de... O primeiro era alto e esguio, de rosto pallido e expressão aberta. Montava um bello cavallo alazão. O outro era um individuo gordo e medio, que tinha uma voz de estentor, e uma elegancia de mandragora. Montava um cavallo pacato, que na zoologia occupava o lugar medio entre o Pegaso e o «misero» lazarento de Tolentino.

Havia dois annos que se tractavam de amigos. A chronologia não influe essencialmente na amizade como nas lieares; mas se o leitor preferir, diremos que eram apenas dous conhecidos.

O Professor—Olá, amigo, por aqui, é novidade estupenda!

O Redactor—Tem razão; sou em geral caseiro que nem um mocho; mas d'esta vez não houve remedio senão largar barcos e redes, e vir por ali fóra até Caminha. As necessidades financeiras da vida não pactuam infelizmente com o temperamento e a indole de cada um.

P.—E' exacto. Mas olhe, fez bem. Creia que a gente tambem cria holor com a vida sedentaria, como livro n'uma estante.

R.—Felizmente não ha perigo de que esse mal lhe succeda com o seu systema andejo, apezar do emprego de professor que tem. Que lhe parece?

P.—Diz muito bem; não perco monção. Eu e o meu cavallo somos dous caminheiros encartados, e...

R.—Naturalmente, o segundo um pouco menos espontaneo que o primeiro...

P.—Se quer que lhe diga a verdade, é uma necessidade do meu organismo, e até da minha posição. A vida de professor é um contacto diario com um dos elementos mais redondamente antipathicos que existem n'este planeta achatado por tantos pezadumes;—a mandrice d'um estudante; e hem sabe que é elemento que nunca falta nas aulas.

R.—Por certo!

R.—Ora, por mais doses de paciencia que um professor tome todos os dias, antes de entrar na aula, a therapeutica nem sempre produz o resultado que se esperava, e o accesso da colera é quasi inevitavel... que importa? Reprehensões são agua fria para os rapazes, e a ferula, nem Platão, nem o progresso a soffrem. O remedio é montar de vez em quando a cavallo, e vir arranjar um bom boxado de bom humor fóra e longe das minhas occupações ordinarias, na companhia dos amigos velhos, que tem sempre «vacca e riso» á farta para dar á gente.

R.—Contra isso não ha que objectar. Diga-me: conhece muitas pessoas em Caminha?

P.—Podral se lá nasci, e me criei e depois de formado, uns cinco annos...

(N'este momento passava uma diligencia em directura a Caminha. Dentro iam sómente tres sujeitos, não sabemos porque; pelo mau tempo não, porque o anno de 73 não teve inverno).

Junto á porta do carro, com o cotovello apoiado ao postigo, via-se um individuo, já bastante velho, que pelo trajar parecia ser um pádre (nem sempre, ainda mal, o padre em Portugal se conhece pelo traje, e se não fosse a ceifa bisemanal da barba, poderia soffrivolmente passar por... outra coisa). O redactor conheceu o dito individuo, e ao darem com os olhos um no outro cumprimentaram-se com uma perfeita urbanidade mesclada de grata surpresa e muita alegria. Mal o carro ganhou uma pequena distancia, perguntou o

P.—Quem é aquelle sujeito?

R.—E' um pádre; egresso do antigo convento dos franciscanos de Braga, actualmente parochó da freguezia de... (Dove conhecel-o. Ainda não ha muito que tinha bastante nomeada pelo Minho, como prégador. Muita gente ainda hoje lhe chama Frei Manoel da...)

P.—Não sei quem seja. Em todo o caso, se as apparencias não illudem, tem cara de bella pessoa.

R.—Ah! é um parochó typo em todo o rigor da palavra. Ha mais de dez annos que me honra com a sua amizade. Mas, coitado! Desde que largou, ou antes, foi expulso do seu convento, nunca mais coubeceu o que era satisfação...

P.—Ora essa!

R.—Não é para admirar: já estava acclimado com aquelle rojimen, identificado com aquella vida; já estava, deixe-me assim dizer, casado com a sua cella: sabia de cor cada uma das janellas, das lageas do claustro, e dos alegretes do modesto jardim do seu mosteiro. Os frades foram por trinta annos a sua familia, e o convento por outros trinta a sua vida e o seu mundo. Digam lá agora a um homem d'aquelles que suspenda o seu mundo de toda a vida, e crie aos sessenta annos um mundo novo de affectos, de relações, de habitos, etc... ha de confessar que não é facil. N'essa idade avanzada, o coração é uma raiz fixada definitivamente ao solo que escolheu, e o habito um instincto imperioso.

P.—Não se pôde negar, mas emfim... que quer? O hem particular deve ceder ao hem geral.

R.—Não percebo bem.

P.—Sim..., hem vê o meu amigo que o frade é uma entidade antiquada de sua natureza. Hoje, com as nossas ideias, com a nossa civilização, as nossas leis, o nosso positivismo, n'uma palavra, com este progresso cada vez mais deslumbrante do século XIX, o frade era insustentável, era um pau atravessado na roda. Devia acabar, e ceder o campo a outra instituição; por isso acabou.

R.—Acabou, não: quando muito entre nós, se quizer. Em França, Italia, Inglaterra, Estados-Unidos, etc., o frade goza dos foros de qualquer outro cidadão, e, ao menos de portas a dentro, tem direito a viver conforme lhe approuver. A civilização d'essas nações, pelo que vejo, é um pouco mais tardieira que a nossa, porque ainda não entendeu que o capuz fosse um apagador fatal do progresso, nem que a sombra do convento impedisse de crescer a arvore gentil da liberdade.

Mas pondo isso de parte, devo dizer-lhe com franqueza que não vejo como a instituição monastica seja incompatível com a civilização dos nossos dias, nem com a futura do anno trez mil, se o mundo deitar até lá! Não sou dos mais competentes sobre a matéria, porque não fiz por ora estudo a tal respeito, e com sinceridade lhe peço que me esclareça sobre a questão, se lhe não sabe a massada. Talvez que eu tenha de arrançar mais um preconceito.

P.—Lá competentes, julgo que tanto o somos um como o outro; cada um diz o que a sua razão lhe dicta. Porém... Homem, diga-me! Pois é possível que uma pessoa illustrada como V., ouse advogar a causa do frade á luz do século XIX! Parece incrível. Até o termo *frade* passou já em julgado, como expressão grotesca, e como epitheto de desprezo e mau agouro.

R. Para alguns ou ainda muitos não duvido. Uma coisa. Doutor! O que faz a verdade é a justiça, não é o ser *de moda*, de sorte que o erro seja meramente o que *deixou de ser de moda*; a verdade é a verdade, hontem, hoje e amanhã, e n'esse sentido a abraço ou com muitos, ou com poucos, ou sózinho e contra todos. Não são oitenta annos que criam uma civilização: a civilização fazem-na os seculos; quem diz ao meu amigo que o século XX não chamará louco ao XIX, e que a (supposta) verdade de hoje não será convencida de erro amanhã?

«A palavra—frade—é actualmente um termo grotesco? Felizmente as palavras não são um par de calças que se muda á vontade, do direito para o avesso. Reconheço o prestigio que lhes pode ligar o arbitrio de uma acceção falsa e apaixonada, mas homens como nós não se deixam cegar por

palavras como negros com missangas. Declaro-lhe que não ha ninguém que despreze mais do que eu o *prestigio das palavras*. Costumo interrogar-as para saber se traduzem fielmente ou atraçoam a idéa que revestem; em a atraçoando, desdenho-as. Se d'aqui a alguns annos a libra esterlina fosse posta fóra da circulação, continuaria a ter para mim o seu valor intrinseco, ainda quando todos os banqueiros me dissessem —perdeu todo o valor.

(Continúa).

PADRE SENNA FREITAS.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### A medicina nos nossos dias

(Continuado do numero anterior)

#### III

Não seria superfluidade fazer notar quantos resultados malditos são devidos unicamente ao uso de agentes therapeuticos, cujo emprego empirico, por menos racional e mais abusivo, produz padecimentos chronicos e lesões organicas, como são, por exemplo, os preparados hydrargyricos, cuja euloxia não occasiona phenomenos em tudo semelhantes á syphilis, e como ella contagiosos: como são os vesicatorios, dos quaes diz Trousseau que desenvolvem nas creanças eczemas simples ou impetiginosas, revestindo-se quasi sempre de uma forma chronica, e dão causa a manifestações escretorias. A applicação das cantharidas sobre a pelle, diz Morel Lavallée que, segundo a sua observação, produz falhas membranas na mocosa da bexiga, e, segundo Bouilland e outros, a erysipella geral ou local; o iodo ou o iodreto de potasio, como diz o dr. Fabre, produz effeitos que se não combatem senão com a suspensão e completa do medicamento, o que ás vezes não basta, porque a vida se vai extinguindo, sem que se possa obstar, pois que a saturação iódica traz consigo a alteração do sangue, e por conseguinte o desequilibrio de todos os systemas etc., etc.

Seria longo, muito longo, enumerar a acção toxica da maioria dos medicamentos da velha escola, que apoz as enfermidades em que são applicados, se denunciam por seus effeitos em toda a vida do paciente, nas innumerables formas que tomam as suas diversas manifestações morbidas. Fallarei comtudo ainda no quinino e seus preparados, pois que se a este agente o organismo tem devido profundas perturbações e a humanidade não poucos desastros, a sciencia lhe deve tambem a maior descoberta que em beneficio do homem até hoje se tem feito.

Trousseau diz que o doutor Manière observou grande numero de individuos em quem o sulfato de quinino produziu instantaneamente uma surdez, que durou muitos annos, sem que a pudesse curar inteiramente. Hurd affirma que muitos individuos toem chegado ao estado de surdos mudos pela entoxicação do quinino, o que tambem é confirmado pelo dr. Duchenne, que, nem mesmo com o tratamento pela electricidade, tem

podido obter a cura da surdez produzida pelo quinino em grande numero de doentes.

O grande Trousseau, cuja opinião tantas vezes estou citando pela sua sciencia, imparcialidade e independencia geralmente acceitas, diz tambem que se cae em um circulo vicioso, no qual giram os medicos pouco experimentados na acção do quinino, porque tomando a febre que elle provoca pela intermitente natural, redobram as doses do medicamento, e assim aggravam o estado do paciente. O doutor Garcia López em suas prelecções, affirmando estes factos, refere que o dr. Bazire morreu encenado pelo sulfato de quinino, que tomava para uma febre periodica, e que sua mulher ficou cega e surda por causa do mesmo tratamento.

Apesar do convencimento de tamanhos damnos, que a medicina tradicional está produzindo com a sua materia medica, confessados e constatados pelos maiores mestres da sciencia nas primeiras academias do mundo, e em face de factos innumeraveis e incontestaveis, custa a crer na obstinação com que o pyrrhonismo de escola tradicional acolhe as modificações, que a velha medicina, no presente seculo, tem soffrido na origem d'estes males. A sua base, movendo-lhes uma guerra sem reflexão, em lugar de lhes estudar, no amor da humanidade, um estudo circumspecto e efficiente, pela experimentação e pela discussão publica.

A doutrina Galenica teve no quinino o seu maior inimigo.

Aquella substancia foi que rasgou vastos horizontes aos vãos de um genio, que se chamou Samuel Hahnemann.

A doutrina d'este genio é hoje uma religião: eu sou um dos seus muitos crentes mais fervorosos e sinceros; crente pelo convencimento obtido em um estudo aturado e profundo, e na experiencia em mim proprio. O riso sardonico, que n'este momento adreja nos labios dos tradicionalistas, produz-me portanto a compaixão com que lho pertdo. Obedece á lei das maiorias, que significam a força bruta, do mesmo modo que podem significar a cobardia, a ignorancia e a pertinacia vulgar do erro; obstrucção caprichosa em todos os caminhos do progresso! Isto é de todos os tempos e de todas as sociedades.

Samuel Hahnemann nasceu no anno de 1755 em Meissen, cidade do antigo reino da Saxonia. A tenacidade com que desde os mais curtos annos Hahnemann se dedicou ao estudo, não obstante as suas maiores difficuldades de meios, porque era filho de um honrado, mas pobre pintor de porcellanas, deveu a sciencia um dos seus mais avultados apostolos.

Era tal a superioridade de espirito d'este homem singular, que tendo apenas em 1779 obtido o diploma de doutor em medicina pela universidade de Erlangen, já em 1775 publicára uma dissertação em latim sobre a *estrutura e perfeição da mão do homem*; e mal terminados os seus estudos theoreticos na universidade de Leipzig, lhe foi permittido exercer a clinica, não só no hospicio de Leopoldstadt, em Vienna, mas publicamente na cidade, sendo depois chamado para medico privado do governador de Subenburgen. Quando mais tarde che-

gou ao doutorado, já era enorme a sua clientela e grande o seu nome.

Foi precisamente quando era maior o prestígio de Samuel Hahnemann, e quando grande numero de doentes lhe affluía de toda a parte, que a prática, o estudo, a rectidão da consciencia d'aquelle homem imminantemente benemerito, lhe fizeram conhecer e completamente o convenceram da insufficiencia da therapeutica, e das imperfeições radicaes da medicina.

Renunciou pois ao exercicio da sua profissão, dedicou-se aos estudos da chimica, e sobre elles publicou diversas obras. De uma vida cheia de frugalidades passaram portanto Hahnemann, sua mulher e seus onze filhos ao estado mais accentuado de pobreza e até de miseria. Debalde instavam os seus amigos para que voltasse á clinica: repugnava a Hahnemann prestar culto a uma mentira; não se curvava deante da auctoridade de nomes celebres, nem queria seguir opiniões arbitrarías, nem a anarchia das theorias, que então surgiam aos cardumes, em grupos de hyppocratico-vitalistas, galenistas, iatromecanistas, chímicos, humoristas, solidistas e electromagnetistas.

A alma do sabio medico foi, porem, despertada pelo coração do pae extremoso. Adoeceram gravemente alguns de seus filhos. Na angustia da sua desesperação Hahnemann voltou a pensar na medicina.

Coincidiu este facto com um trabalho que trazia entre mãos, a traducção da *Materia Medica* de Cullen, pois que sendo versado em linguas obtinha os unicos meios de subsistencia fazendo versões, que lhe eram commettidas.)

Lendo o que diz Cullen com respeito á quina, resolveu-se tomar durante alguns dias aquelle medicamento, achando-se aliás de perfeita saúde. D'esta medicação lhe resultou um excessivo de febre com periodos de frio, calor e suor. Repetida a experiencia em si proprio e em outras pessoas, o resultado foi sempre o mesmo. Desappareceram todas as duvidas e o grande Hahnemann tomou como doutrina que a quina cura as febres pelo mesmo facto de que as produz no corpo são.

Este facto isolado constituia já uma convicção; não era porem sufficiente para constituir um principio. Juntaram-se diferentes homens de sciencia e experimentaram em si os effeitos de outros medicamentos, tomados em estado de saúde. Observaram os symptomas do enxofre, do mercurio, da belladonna, da noz-vomica, etc., etc. e de todos obtiveram a convicção da sua efficacia pela similhaça.

D'aqui deduziu Hahnemann a possibilidade de reformar a therapeutica. Entregou-se ao estudo dos medicamentos, e voltou á clinica dos hospitaes e do publico, para estudar á cabeceira do leito dos enfermos o effeito de um novo systema.

Para este fim o duque Ernesto de Gotha poz á disposição do arrojado reformador os hospitaes de Georgenthal, onde operou curas verdadeiramente prodigiosas, entre ellas as de molestias até então incuráveis.

Estava pois vencida a velha medicina, o estabelecida a maior celebridade do actual seculo.

Ridiculos, censuras, apupos, asserções malevolas foram o unico acolhimento dado ás incitações do grande genio, para que viesse a sciencia tradicional discutir e estudar aquella radical reforma, que todos os factos estavam indicando, e cujas verdades, sobre novas bases, a sã philosophia soberbamente demoustrava.

A velha escola não quiz porem sair da praça publica, onde corria á pedrada os novos crentes, que se multiplicavam de dia a dia.

De 1802 a 1811 assumiu a nova doutrina dos *similhanes* um grande desenvolvimento em todas as cidades por onde passara o já celebre Hahnemann. Franz, Gross, Hartmann e Hornburg, esses cultos da medicina, que tão notaveis se tornaram, foram seus discipulos no instituto que Hahnemann abriu em Leipzig.

Não bastou contudo ao reformador da medicina estabelecer a nova lei, que devia derribar pelo alicerce a doutrina que aprendera dos seculos anteriores. Ficava-lhe ainda a resolver o problema das formulas de que me occuparei mais tarde, o que conseguiu até certo ponto, abrindo caminho a ultteriores estudos, que teem ido aperfeiçoando a materia medica homoeopathica.

A Alemanha gemia em 1813 sob a oppressão de uma epidemia de typhos. Foi então que Hahnemann obteve os mais assignalados triumphos para a homoeopathia, pois que confrontados os casos e o tratamento pelos dois systemas oppostos, resultou a mais notavel desproporção a favor da homoeopathia.

Humilhados de um modo tão ruidoso os medicos da escola tradicional, doram um serio vigor a uma crusada de gigantes contra as doutrinas hahnemannianas e seu systema; crusada que tem durado quasi um seculo sem um combate franco e leal, mas escondida pelas brenhas, descarregando fogos em guerrilhas sobre a reforma scientifica cuja verdade os factos apregoam, e cuja necessidade os seus proprios inimigos instantemente reconhecem. Contradição fatal! Os povos porem teem ido fazendo o que não fazem as estações officiaes, dominadas pela influencia das camarilhas da sciencia, revestidas da auctoridade da sua posição no serviço publico, e da sua força bruta pela grande superioridade numerica.

Os povos aceitam a homoeopathia, buscam-na avidamente, e comprehendem que ella vem exercer nas sociedades uma santa missão de humanidade.

Foi quando a guerra surda e mais coarbatte dos sectarios da escola official levava aos tribunaes como um impostor, o grande reformador da medicina, que o principe de Schwarzenberg, atacado de uma grave doença cerebral (insultos frequentes de apoplexia e paralyza) o chamou para que o tratasse, obtendo o mais lisongeiro resultado, contra a expectativa de todos os medicos *allopathas*, que anteriormente haviam assistido ao enfermo.

Quando o cholera invadiu a Alemanha renoveram-se as vantagens pela homoeopathia. De toda a parte chegaram até Hahnemann felicitações, consultas, e testemunhos da mais sincera e acrisolada veneração. O seu systema era já do conheci-

mento de toda a Europa: o seu nome era respeitado em todo o mundo.

A Alemanha amava Hahnemann como seu filho mais dilecto. Os paros reaes e a nobreza d'aquelle e de outros paizes prodigalisavam-lhe provas de profunda admiração e apreço, mas Hahnemann não podia ser so da sua patria. O amor da humanidade e da sciencia impunha-lhe o dever de levar o seu systema, por sua lição pessoal, a outras nações, onde maior era a guerra que se fazia aos seus já numerosos discipulos, sahidos das camadas mais culminantes do professorado e da sciencia.

Buscou portanto o centro mais activo da civilisação. Paris foi o novo theatro dos seus triumphos. O prestígio que obteve ali nas espheras da sciencia e da opinião publica tornou immorredouro o nome do mestre, e glorioso o de seus discipulos, que até hoje se não teem fatigado no trabalho incessante de aperfeiçoar o novo systema, introduzindo na sua therapeutica e materia medica grande numero de melhoramentos, que vão fixando de um modo indestructivel os creditos que a homoeopathia tem conquistado, palmo a palmo, entre todos os povos, creditos estabelecidos em factos e memorados em victorias.

Morreu Samuel Hahnemann em Paris a 2 de julho de 1813. Jaz no cemiterio de Montmartre.

A Alemanha erigiu-lhe um monumento em Leipzig; a humanidade ergueu-lhe outro no profundo e inalteravel sentimento de veneração e reconhecimento.

Seria excessivamente prolixo fazer relação de todos os seus discipulos de maior nomeada; darei contudo conta das suas principaes obras originaes, de que tenho conhecimento.

Hahnemann collaborou em 1796 no periodico de Hufeland, e publicou os seus «Ensaio sobre um novo modo de chegar ao conhecimento dos medicamentos.» Em Hamburgo publicou um «Tratado da Belladonna, como meio preservativo de escarlatina.»

Em 1801 escreveu as suas «Considerações sobre a confraternidade medica ao começar o novo seculo», trabalho que teve por fim conciliar o seu auctor com os medicos da antiga escola, o que não conseguiu.

Em Dessau publicou os seguintes escriptos:

«Do café e seus effeitos.» «Esculapio na balança.» «A Medicina da experiencia.» «Fragmentos sobre as virtudes positivas dos medicamentos observadas no corpo humano em estado de saúde.» Em Targau publicou: «Do valor dos systemas medicos em therapeutica, e da sua influencia no tratamento.» «Chamamento aos medicos e a todos os homens intelligentes.» Publicou em 1811 a sua grande obra «Organon», e começou uma outra «Enfermidades chronicas» concluida em 1828. Em 1814 escreveu um opusculo sobre o tratamento do typho. Posteriormente deu á estampa a sua «Materia Medica Pura» e uma «Memoria sobre a syphilis.»

Accusado pelos tribunaes de Leipzig por manipular os seus medicamentos triumphou o grande genio pela sua defesa, que publicou na «Gazeta Homoeopathica» d'aquella cidade. Em 1828 publicou diversos

opusculos, como foram: «Instrução para os que buscam a verdade.» «Do melhor meio para conseguir que desapareça o methodo homeopathico.» «Do melhor modo de obrarem os medicamentos homeopathicos.»

Depois dos triumphos da homeopathia por accasão do cholera na Allemanha, sendo atacado pelos medicos da velha escola, publicou em 1833 um opusculo de polemica em defesa do seu systema, ao qual intitulou «A allopathia, advertencia a todos os enfermos.»

Ao benemerito Hahnemann se deve tambem a instituição da «Sociedade Galicana homeopathica», que fundou pelos seus esforços pessoas e de seus sectarios em França. Muitas outras associações por sua influencia se crearam n'outros paizes.

Samuel Hahnemann não foi, pois, apenas um genio brilhante guiando a sua epoca a um aperfeiçoamento util á sociedade; Hahnemann foi a personificação do espirito reformador, creando na sua obra colossal um elemento luminoso, cujos clarões terão de espalhar-se em beneficios por toda a superficie da terra.

Embora a esse astro cerrem os olhos a intolerancia dos ignaros e a tomosia dos fanaticos, hão-de os fructos da planta, que medra aquella luz, sazonar no entusiasmo dos triumphos que lhe reservam as gerações vindouras, ainda que pelas físgas dos sepulchros se ergam de quando em quando os espectros de um passado caduco a reclamar para si as glorias de um ser absurdo, rachitico e mesquinho, que baqueou no abysmo que vinte e quatro seculos lhe abriam.

BERNARDINO J. DE SENNA FREITAS.

## SECÇÃO CRITICO-BIBLIOGRAPHICA

«Saraiva e Castilho»

III

APRECIACÃO PROPRIAMENTE LITTERARIA

Este livro pertence todo pela idea e pela forma a tempos de crenças e inspirou-se no meio favoravel em que viveu o seu auctor. Filia-se na escola espiritualista.

Quando Buffon disse «que o estylo é o homem» exprimiu com um conceituoso laconismo um pensamento de genio; mas do mesmo modo que o estylo é o homem «a litteratura é a sociedade», diz o conde de Ronald, ou por outra, reflecte-a, tradul-a, é o fiel transcripto e expressão d'ella.

Saraiva nasceu em Sernancelhe (Beira), humilde povoação onde hauriu os primeiros effluvios de uma educação christã, e onde por todos os poros lhe entrava a nobre simpleza dos costumes do seu berço natal, e as tradições e firmes crenças que caracterisam ainda hoje algumas das nossas aldeias do norte do reino (o sul já está muito derramado). Deduz-se isto das amindadas allusões ethnographicas que faz da sua Sernancelhe.

Viveu muito tempo em Coimbra, mas então não grassava lá o andaco do indifferentismo ou da systematica incredulidade

que por lá vige e viga actualmente. Ora o livro de Saraiva traduz esse duplo meio e reflecte-o com as mais vivas cores, porque o pensamento de Ronald nunca deixará de ser exacto: a litteratura é o estylo da sociedade.

Publicados ha pouco, o illustre proscripito portuguez offerece-nos os poemas da sua enflorada juventude, que representam, portanto, uma litteratura quasi extincta infelizmente, a que cre no infinito, a que sorri para o vulto divino de Jesus, a que ouve as vozes d'alma, como outros tantos echos de indomaveis e remontadas aspirações, a que conchega ao peito o vaso d'ouro das tradições catholicas, intactas como o amor da patria e das suas glorias, a que professa o respeito dos costumes do torrão natal, porque comprehende a sua elevada significação religiosa.

Hoje a nossa litteratura é outra, porque a sociedade já não é a mesma. A nossa sociedade vem do esquecimento e da negação de Deus e vai para o realismo bestial d'amanhã. Póde-se affirmar-o sem ser vate; as reboadas d'esse paguismo elevado ao quadrado, já se ouvem distinctamente, e não é mister ter olhos de lynce para descortinar que uma parte da sociedade contemporanea labora atacada da sinistra variola negra, que tem por inoculadores Emilio Zola, Baudelaire, Flaubert e congeneres. Mas se a sociedade descamba para o realismo, se esto principia a tomar pé nos costumes dos povos que atravessam o ultimo quartel do seculo dezenove, a litteratura coeva ha-de traduzir esta nova phase social, e o estylo dos nossos escriptores será a expressão do realismo que nos iuvade. Esta a lei de todo o escriptor que não sabe elevar-se acima da miseravel aura popular.

Não haja receio que Junqueiro ou João Penha descrevam *O Natal na minha terra*, *O S. João*, *A Semana Santa*, como o fez Saraiva. Enseiam implacaveis todos esses formosos themes, não menos christãos que nacionaes, sob o rotulo geral de *idyllo*, ou de ideal piegas. Refugam-no como fossil e absurdo; julgar-se-liam por todo o sempre unestados na sua reputação immaculada se dedilhassem a lyra aos pés de Jesus Deus em effusões de humildes adoradores como Victor Laprade.

A musa que julgam digna de inspiral-os aloja no alconice, espreguiça-se á soleira da bodega ou bamboleira o quadril pelas ruas das cidades; cheira que entonta ás harpias das ilhas Estrophades. Chama-se a musa da podridão e é-o, a despeito do syncretismo detestavel que existe entre o que a litteratura conhece de mais bello, como é a poesia e o que a terra contem de mais repellente qual é o tremedal.

Os poetas phesceninicos do realismo acham insipido e ainda archaico o entrar d'ora em diante no templo d'Apollo pela porta; a poesia não pode ser vedada ás *mirificas* regenerações do progresso intellectual moderno, ainda que seja o que cava cada vez mais fundo no guano social, e o bardo que quizer ser grimpado á preanha da gloria ha-de entrar d'aqui em diante no templo «pelo cano de esgoto» como dizia bontem C. Castello Branco fallando de Xavier da Cunha, o besuntão.

Porém, por isso mesmo que Saraiva só invoca a musa da sua crença christã, e das suas tradições patrias, (que não a musa pagã) prosegue que elle não se perlihou na escola classica senão na romantica ou pelo menos na classico-romantica. O proprio auctor do *Natal na minha terra* declara que já no seu tempo de universitario era anti-philintista, assentando praça nas fileiras de Castilho contra a *coterie* litteraria de Almeida Garrett, então, *mas só então*, rendido a Philinto archi-classico. Uma superficial leitura de qualquer dos dois volumes de «Saraiva e Castilho» basta a demonstrar que o nosso poeta nem se acorrenou servilmente ás leis metricas da *Ars poetica*, nem mesmo no meneio da lingua escrupuloso a tal ponto na contra-prova do carimbo quinhentista que podessemos suspeitalo ligado por algum voto de castidade do eloquio.

Ora o seu credo poetico de então é o de hoje sem discrepancia. Quem se converteu ou antes preverteu foi Castilho (perdoe-me Saraiva se ousou renouquear-lhe o amigo) que desde *Ecco* e *Narcizo* até ás *Excursões poeticas* e aos seus mais ligeiros poematos se touca e arrebrica de ouropéis mythologicos para poetar aos leitores do seculo dezenove! Foi esse o grande sestro de Castilho como escriptor. Em pleno christianismo, em pleno romantismo, em pleno maravilhoso evangelico tal qual o sagrou a penna diamantina de Lamartine e ainda de V. Hugo (nas suas primeiras produções), uma galvanoplastia mythologica tão espessa qual a que Castilho imprimiu sobre quasi todos os seus labores metricos, e uma denguiça de ternura como o que elle manifestou pelas farraparias do velho Olympo, postigo como um fundo de proscenio, mal podem perdoar-se em um rego quando esse cego tinha a allumial-o um desbalisado talento.

Saraiva não invoca nunca Tagides nem Naiades. A sua inspiração unica é o seu Deus e a sua terra natal, inspiração nativa, perpetua e universal do grandioso, não feitiça e insulsa, para a qual não basta o homem com o seu coração e as duas mais profundas pulsações que o agitam, a pulsação do infinito e a pulsação da patria, mas inspiração que jaz toda entre as paginas enregeladas de um dictionario da fabula, abarrotadas de fontes de Aganipe, de aguas de Hypocrene, de aljavas de Cupido, de mel do Hymeto, e de todas essas frioleiras sedias, mofosas, que encantaram os vates caturras da Arcadia. Delicie-se quem muito bem quizer com esses megaterios do maravilhoso, eu por mim confesso que acho tão ridiculo um poeta hoje em dia *fabular* como acharia burlesco e ridiculo um *quidam* que se apresentasse em publico trajando a perruca empoada, os falbalás de camisa, o calção e livella dos tempos de D. João 3.º

Saraiva, pois, não queimou incensos ao classissismo, como o fez o seu amigo Castilho, e se foi classico se o foi no respeito discreto das leis do ritmo, dos generos poeticos e da vernaculidade da linguagem, sempre nossa, sempre portugueza ás direitas.

A cada passo se está a conhecer que o modelo que elle buscou imitar na sua poesia ora discriptiva ora epigramatica foi Ni-

colan Tolentino. Ha estrophes que quasi equivocam a procedencia, tão pronunciadamente accusam o sabor tolentiniano. Mas é uma imitação nobre e intelligente, que se entrelaca com a originalidade. Os mingua-dos limites d'um artigo vedam-me citações que affluem aos bicos da minha penna.

Não obstante, vá d'amostra.

(Conclue.)

PADRE SENNA FREITAS.

## SECÇÃO LITTERARIA

### THEREZA DE JESUS

POR

D. MARIA DEL PILAR SINUÉS

TRADUÇÃO DO PADRE LIMA

(Continuado do numero anterior)

V

D. Affonso correu a socorrer sua filha; tirou-a do convento e levou-a para sua casa até que se restabelecesse.

O que padecia a joven era uma febre nervosa, summamente aguda; a perturbação de suas ideias manifestava-se em um continuo delirio, que lhe tirava o somno e o repouso; perpassavam-lhe pela mente sonhos terríveis: umas vezes julgava-se morta no tumulo e coberta a fronte de cinza no acto terrível de sua profissão, e de assustada queria fugir; outras parecia-lhe que sentia sobre o collo a frialdade das thesouras que haviam de cortar-lhe as formosas madeixas de seu cabello. A's vezes fallava de luzes, de flores e do seu ultimo dia de liberdade no mundo.

Havia occasões em que lhe parecia estar ao pé de soror Ignez, sentada proximo do arroio que atravessava a cerca das religiosas agostinhas e então avaliava o bem-estar que sentia e como a frescura do ambiente dissipava o calor da sua dorida cabeça; fallava em Deus e emquanto é justo amal-o e dizia-se ditosa, porque so a elle estava e queria estar consagrada para sempre.

De repente, estes sonhos tranquillios eram substituidos por outros voluptuosos e alegres, que a punham n'uma extrema agitação.

Via um baile, que, na verdade, nunca tinha visto; os cavalheiros aclamavam-na a mais formosa; as damas olhavam-na com inveja; Thereza dançava coroada de flores, e respondia aos galanteios, que julgava dirigirem-lhe, com loucas gargalhadas.

Este terrível delirio poz sua vida em grande perigo, e ante tamanha fadiga e uma falta tão extraordinaria de forças, principiava aquella natureza a curvar-se; afinal, a mesma debilidade, produzida pelo excesso do mal, concorreu para alliviar-a, modificando os ardores da febre e os transportes do delirio.

Ficou, todavia, tão debil e quebrantada que foi mister levar-a alguns dias para o campo, e escolhendo para isso uma casa que seu pae possuia, acompanharam ali sua irmã mais velha e seu tio D. Alvaro, o mesmo que alguns annos antes a encontrara com seu irmão Rodrigo, quando ambos tentaram

ir para a Mourama em busca da palma dos martyres.

O céu não podia ter deparado a Thereza uma companhia mais santa e mais exemplar que a de seu tio e sua irmã: eram dois seres angelicos, e suas almas eram repletas da piedade e mais sincera e a mais profunda.

D. Alvaro de Alameda, applicado desde ha muito tempo á pratica da caridade, foi o que mais contribuiu para tranquillisar o espirito de sua sobrinha Thereza com suas meigas exhortações e conselhos.

—Filha minha, dizia-lhe este veneravel ancião; tua alma não foi creada por Deus para viver com tranquillidade n'um mundo todo cheio de perigos e tentações; ha em ti dois elementos contrarios que se chocam e que tiram alfin, como despojos de seu constante luctar, a tua vida e a paz de tua alma; tua consciencia é recta; tua alma pura; tua imaginação, porem, arrasta-te á desordem e aos prazeres: não percas o que tens adquirido á custa de tantas dôres; já não tens mãe que te aconselhe e acompanhe, mas não queiras ser a pobre ovelhinha desgarrada, que, sem pastor nem redil, talvez tenha de fenecer nas garras d'algum lobo.

—Meu tio, replicou Thereza: conheço quaõ verdadeiras são as vossas palavras, creio em tudo que me dizeis; sim, meu coração está em lucta commigo mesma, em lucta constante e que eu não sei, não posso domar, mas confesso a verdade, porque nem de outro modo poderia pagar vossos paternaes conselhos; o claustro e suas privações horrorizam-me. Ali matam-me as saudades e são insufficientes para consolar-me o exemplo e as admoestações das santas religiosas: permitti que passe algum tempo na solidão, mas que veja gente quando o deseje. Meu pae não se oppõe ao meu casamento uma vez que eu seja amada por um homem digno de mim, e eu quizera achar esse homem, encontrar esse protector, e que o amor nascesse em meu peito para desde logo lh'o offerter.

Tal foi o resultado das luctas, das cavillações e das dôres moraes que tanto atormentavam a alma poetica e apaixonada de Thereza.

Ficou, pois, no campo a joven encantadora, onde era livre e senhora de todas as suas acções, e por companheira ficou-lhe a irmã mais velha e uma criada.

Quando queria ir a casa do pae, e ali visitava algum e fallava com os cavalheiros de mais elevada posição na cidade; mas, ainda que estava em cada um um pretendente, seu coração permanecia frio e mudo; o bello ideal que sonhava e que sua imaginação secunda rodeava de todas as perfeições imaginaveis, em ninguem o encontrava.

Achava a uns de baixa condição, atrevidos a outros, aquelles de pouca belleza, estes jactanciosos; e correndo após um bem tanto mais fallaz quanto mais sonhado, a pobre Thereza cahiu de novo no abysmo d'aquella amarga melancolia, que ha dois annos lhe era quasi habitual.

—Entre os teus pretendentes não achas nenhum que te agrade? perguntou-lhe um dia seu pae, admirado da sua indifferença e de continuar vel-a triste e mediatunda.

—Nenhum, meu pae.

—Então que defeitos lhes encontras?

—Nem eu lh'o posso dizer.

—Pois olha, minha Thereza, se continuas assim lá se te vão os melhores annos da tua vida.

Thereza callava-se, e a sos no seu quarto deixava correr livremente as lagrimas, para com ellas encher o vacuo que sentia no coração.

VI

Não era de estranhar o desalento e a profunda frialdade que começava a invadir o peito da desditosa joven.

Era que em sua alma tinham ficado vestigios d'uma imagem divina; a imagem d'aquelle Jesus que tinha visto retratado, ainda que de um modo imperfeito, havia-a commovido profundamente e tudo o que ora mortal lhe parecia mesquinho, fastidioso e miseravel.

Enquanto ao valor moral do amante que sua alma havia eleito e pelo qual suspirava, seu mesmo espirito havia adivinhado ao lêr sua vida e sua heroica morte para salvar a humanidade.

Thereza voltou á solidão e aos seus livros mysticos, unica cousa em que achava consolação.

Persuadida alfin de que buscava o que existia na terra, elevou os olhos ao céu e prometteu a Jesus consagrar-se inteiramente ao seu amor com a fidelidade e ternura que só a Elle queria dedicar.

Escreveu ao pae, que estava na cidade, manifestando-lhe que preferia antes voltar para o convento do que procurar um amor que não podia abrigar em sua alma, e que depois de entrar tomaria immediatamente o véo de noviça começando de preparar-se assim para o acto solemne da sua profissão.

Foi em demasia sensivel para D. Affonso esta ultima resolução tomada por sua filha; havia concebido esperanças de vê-la ainda casada, mas esta resolução apresentava-lh'a perdida para sempre.

Desejoso, porem, de contribuir para a tranquillidade de Thereza, disse-lhe que, quando quizesse estava prompto para acompanhá-la ao convento.

Oito dias depois, chegou Thereza; vinha pallida e magra; todavia em seus olhos adivinhava-se uma resolução sublime; era então verdadeiramente formosa.

Entrou no quarto da mãe, fechado desde sua morte, beijou um por um todos os objectos de que se tinha servido D. Beatriz, e despediu-se d'elles com ternura; ajoelhou-se proximo do leito, em que sua boa mãe tinha expirado e orou largo tempo com intimo fervor pedindo-lhe que lá do céu velasse por ella e lhe alcançasse valor para cruzar a dolorosa senda da vida, na qual previa ainda havia de soffrer muitas e amargas decepções.

Passou d'este quarto ao seu dando igualmente o ultimo adeus á roupa que havia vestido e a todos os moveis que amava como a seus amigos e como aos unicos companheiros de todas as suas silenciosas e ignoradas dôres.

Depois sahio para o convento acompanhada de sua familia, e n'aquelle mesmo

dia cingiu sua fronte com o branco veo das noviças.

Durante o primeiro anno, a vida d'aquella joven, nascida sob todos os auspicios d'uma perfeita felicidade, deslousou-se mais tranquilla que até então, tornando-lhe d'esta arte menos sensível a falta do mundo; encontrava já mais paz em seu espirito para a oração e para satisfazer a todas as obrigações a que a regra da ordem a obrigava.

Approximou-se álfim o termo do noviçado e a infeliz Thereza não se achou com resolução bastante para tomar o veo, o que levou sua familia a alcançar do Papa a prorrogação dos seus votos.

Ainda assim, no dia 2 de dezembro de 1836, quando a interessante noviça contava apenas vinte e um annos e poucos mezes recebeu o habito de religiosa, professando no convento das carmelitas d'Avila, sua terra natal, e não no convento das agostinianas onde pizarrara o noviçado.

Apenas escondidas suas formas delicadas no grosseiro habito das carmelitas, e emmoldurado seu lindo rosto na touca de freira professa, principiou Thereza a applaudir-se pela resolução que tomara.

E' que ao fixar d'esse veo a sua resolução, esse continuo vacillar de seu espirito havia desaparecido para deixar acujtar-se em seu peito o amor divino, que já mais a devera abandonar.

Aos antigos combates de seu espirito succedeu a mais perfeita tranquillidade, e a tibieza, e mesmo o horror com que havia ollhado a regra monastica, foi substituído pelo zelo verdadeiramente evangelico. As mais difficeis virtudes lhe pareceram suaves na pratica: os trabalhos mais rudes, as mais asperrimas penitencias, já não lhe repugnavam, e entregava-se á penitencia mais austera com a mesma vontade com que antes desejava tornar-se agradável, admirada. Dentro em pouco chegou a edificar com o exemplo a todas as suas companteiras e a ser objecto dos louvores da comunidade inteira.

Para aquelles que admiravam a belleza da interessante religiosa, e que aspiravam á posse da sua mão foi um caso extraordinario a final resolução de Thereza, e não poucos se lamentaram por vorem assim perdidas suas esperanças, e durante muitos dias a sua profissão foi o thema de todas as conversações nos pontos mais concorridos da cidade.

E comtudo, aquella vocação, que tão perfeita parecia, não o era; os bons desejos da nova carmelita e os impulsos generosos de sua alma, cederam ante a rebeldia da natureza.

«Thereza,—disse um dos mais distinctos escriptores contemporaneos—não pôde resistir áquelle genero de vida; a sensibilidade de seu temperamento tão delicado irritou-se com aquellas privações, com aquellas penitencias, e álfim principiou a padecer do novo, mas mais gravemente.»

A este tempo não guardavam religiosa clausura as carmelitas d'Avila, e pôde D. Affonso retirar sua filha do convento e levá-la para casa até se restabelecer.

Porem aquella mortal debilidadade, aquelle profundo abatimento resistia a todos os embates da sciencia, e Thereza ia cada dia perdendo uma parte de sua antiga belleza,

parecendo-se mais a uma sombra que a uma mulher. Este estado desesperado resolveu o pobre pae a levá-la a uma povoação onde lhe diziam existir uma curandeira famosa para aquelles tempos em que tanto imperavam a ignorancia e a superstição.

Aquella mulher examinou a pobre enferma e declarou a seu pae que lhe devolveria a saude se elle se resignasse a deixá-la entregue aos seus cuidados, condição a que accedeu D. Affonso com a esperanza de ver sua filha em breve restabelecida.

Mas a curandeira, como todas as curandeiras de todos os tempos, não fez mais do que piorar o estado da desditosa Thereza, que dentro em poucos dias se achou ás bordas do sepulchro.

Trez mezes depois que de seu pae se separara, escrevia-lhe as seguintes linhas:

«Meu pae e senhor: Apressai-vos em vir buscar esta vossa filha, que, ainda que tenha de custar-vos não menores amarguras, quer poupar-vos ao menos a dor de sua morte. Os desmaios, a debilidadade e languidez, estas enfermidades que me eram habituaes, são agora reforçadas por um intumescimento geral em todo o corpo, que me impede os menores movimentos, não posso adivinhar o que seja este novo soffrimento, mas o que desejo é que o mais cedo que vos seja possível me tireis das mãos d'esta mulher ignorante, que sem o querer, o quasi sem o saber, não tardará que acabe com a minha vida.»

O bom pae banhou com lagrimas de profunda dôr esta carta, e fez no mesmo instante preparar uma carroagem com todos os aprestos de forma a improvisar n'ella um leito: fez montar em possantes mulas alguns criados para escoltarem a enferma, e collocando-se á testa d'esta pequena caravana partiu a buscar Thereza.

Ao vê-la, aquella filha que lhe era tão cara, que tanto amava, pensou morrer de dôr!

Apenas encontrou a sombra da formosa joven que lhe chamava pae e que era o fiel retrato da belleza de sua mãe D. Beatriz. Thereza, pallida, extenuada, nem apenas tinha forças para fallar nem para desceerrar os olhos. Foi collocada na carroagem que se poz a caminho com a lentidão que demandava o melindroso estado da enferma.

—Senhora, disse á curandeira ao sahir,—entregai-vos uma enferma, não é verdade? pois devolveis-me um cadaver. Que Deus vos perdoe como eu vos perdô!

Ao terminar estas palavras montou de novo n'uma mula e seguiu o triste comboio que caminhava em direcção a Avila de los Cavalheros.

(Continua.)

## EDIÇÕES DE PROP. CATHOLICA

### Historia Popular dos Papas

ALEXANDRE VI

Temos deante de nós fasciculo 15 da *Historia Popular dos Papas*, de Chantrel, traduzida em portuguez pelo snr. Antonio José de Carvalho, e editada em Guimarães pelo snr. Teixeira de Freitas, proprietario da *Livraria Internacional* d'aquella cidade.

Já por mais de que uma vez temos elogiado e recommendado esta monumental obra de Chantrel, festejado escriptor francez, insigne defensor do papado, um dos primeiros nomes que modernamente fazem parte da vigorosa pleiade de apologistas da Santa Sé. O nome do auctor é garantia segura da importancia e excellencia da obra.

O traductor, o snr. Antonio José de Carvalho, é bem conhecido por varias obras que tem publicado em defesa dos saos principios religiosos e sociaes, especialmente pela energica refutação do *Papa Rei* do snr. dr. Geraides.

O snr. Teixeira de Freitas tem editado muitas e magnificas obras religiosas, de combate e propagação catholica, entre as quaes nomearemos as seguintes: a *Magonaria Desmascarada*, o *Matrimonio*, sua lei natural e historica, sua importancia social; *Dois obras de misericordia*: *A Magonaria e os Jesuitas*; a *Doutrina Catholica e a Escola Liberal*; o *Liberalismo Desmascarado*; os *Nossos Bispos do Continente*, e outras. E tambem é o proprietario da excellente revista quinzenal de Guimarães, o *Progresso Catholico*, que está a completar o primeiro anno de publicação.

Mas incontestavelmente, a *Historia Popular dos Papas*, de Chantrel occupa o primeiro lugar entre as edições do snr. Teixeira de Freitas, apesar de ser a ultima no tempo. Esta obra que está em publicação, consta de tres volumes, dos quaes estão completos o primeiro, e quasi o segundo; e já principiou o terceiro com o fasciculo 15 de que ao presente nos occupamos.

A obra é publicada aos fasciculos de 80 paginas cada um, e, considerando a importancia do assumpto e outras circunstancias, é d'um preço modicissimo, e por isso facilmente accessivel á acquisição de todos os que se interessam pela verdade historica do catholicismo.

Dizemos do *catholicismo*, porque o Papa, cabeça visível da Igreja, é a sua personificação viva sobre a terra, e o catholicismo não tem acção exterior senão por meio de Papa.

Dizia o grande conde de Maistre:

«Para mim está provado, e quizera de todo o meu coração prova-o aos outros, que sem o *Summo Pontifice* não ha verdadeiro *christianismo*, e que nenhum *christão*, homem de bem, separado d'elle, poderá assignar com honra (se não for um ignorante) uma *profissão de fé* claramente *circumscripta*».

Meditem-se bem todas estas palavras, e ninguém deixará de prestar assenso ao illustre pensador e philosopho christão. A experiencia mostra, além d'outros argumentos, que sem o Papa ha divisão, scismas e seitas, mas não verdadeiro *christianismo*. O papado é o elemento devida da Igreja christã.

Assim nada mais importante e até necessario do que conhecer a historia dos Papas, essa historia que tão desfigurada tem sido por alguns auctores, principalmente da seita jansenista, não fallando dos protestantes.

Ha commumente uma grande ignorancia a respeito da historia do *summo pontificado*, que muitos só toem lido em romances, e ouvido em peças de Theatro.

Essas fontes são pessimas. De resto, não é ali que se deve estudar a historia. Os mesmos chamados romances historicos, em regra, são a adulteração da historia.

A maior parte das pessoas, ainda as que presumem de instruidas nas sciencias humanas, teem ideias superficiaes, e não raras vezes inexactas, sobre as materias religiosas. Algumas ignoram a posição do Papa na Igreja.

Dissertemos um pouco sobre esta especie, uma vez que nos occupamos d'uma historia dos Papas. Já dissemos que sem o Papa não ha verdadeiro christianismo.

Debaixo d'este ponto de vista, é indubitavel que, se a Igreja conserva a sua admiravel e santa unidade e concordia, procede isso da forma monarchica da sua constituição, sob o regimen e o governo de um só chefe, que é o Papa; pois o poder espirital, exercido collectivamente, não poderia concertar-se harmonicamente e destruiria a paz e a união, fim a que aspira toda a sociedade.

Em relação ao dogma, sem o Papa, surgiriam differenças sobre o modo de entendel-o e explical-o, e maiores seriam as disputas na interpretação da Biblia, pretendendo cada um antepôr o seu juizo particular ao juizo dos outros.

E' simplesmente o que se vê no protestantismo onde não ha unidade de crença, o cada individuo se forma uma religião. D'aquí uma barafunda de erros.

A unidade catholica não pode conservar-se sem confessar que os Pontifices romanos são legitimos successores de S. Pedro, porque Jesus Christo não podia deixar sem chefe a monarchia da sua Igreja. A supremacia pontificia conserva, pois, unido o povo catholico, apesar das suas diferentes condições, em consequencia dos paizes, linguas e costumes; e o conserva no mesmo credo, em eguaes sacramentos, a essencialmente em identica disciplina.

Debaixo d'outro ponto de vista, o Papa é o sustentaculo da ordem social, o promotor da civilização, o protector da liberdade, do progresso e da dignidade humana. E' o que patenteia a historia de dezoito seculos e meio.

Chantrel, com a sua *Historia Popular dos Papas*, desde S. Pedro até aos nossos dias, mostra o que foi cada um dos Pontifices; e prova quanto a calumnia se empenha em manchar a reputação dos Papas que mais concorreram para a civilização da Europa.

O fasciculo 13, que acabamos de receber, vem interessantissimo por conter a historia do Papa Alexandre VI, tão calumniado por certos auctores. Chantrel, á luz da historia, pulverisa as calumnias e mentiras dos historiadores e romancistas.

Como incentivo á leitura da obra de Chantrel, e mesmo porque é digna de ser transcripta, vamos aqui apresentar a introdução do auctor á historia de Alexandre VI.

«Chegamos á historia d'um Papa que tem sido tão accusado pela maior parte dos historiadores e até por historiadores catholicos e amigos do papado, que deve parecer não só intrepidez mas até ousadia tentar rehabilitar a sua memoria. Pronunciar o nome de Alexandre VI é recordar uma se-

rie de crimes e infamias, sobre as quaes, parece, não deve nem tocar o escriptor catholico. Procurar justificar o infame Borgia é tentar fazer uma cousa tão criminosa, como inutil.

«Dizei, se quereis, que os crimes do Papa Alexandre VI não recabem nem sobre a Igreja nem sobre o papado, dizei que os vicios do homem particular nao alteram o caracter sagrado do Pontifice; dizei finalmente, como o tem feito mais de uma vez, que a divindade das promessas feitas á Igreja está comprovado por este milagre, porque é milagre poder ella resistir a tanta vergonha e preversidade; mas não tenteis rehabilitar um nome, para sempre infamado e com muita justiça.

«Estes conselhos não poderam conter-nos. Prezamos, antes de tudo a verdade, e é ella que queremos defender, e não devemos afastar-nos do nosso fim nem pelos prejuizos nem pelo erro.»

Nada mais transcrevemos, que seria muito extenso: resumiremos o plano de Chantrel. Depois d'um estudo serio da historia, o sabio e erudito auctor concluiu por assentar o seu juizo sobre a falsidade dos crimes que se imputam a Alexandre VI. Elle mostra que foi um Pontifice digno o grande rei, e não um devasso, um perfido e assassino, como se tem dicto.

Não se pense, porém, que Chantrel, com o fim de justificar Alexandre VI, declame sem provas; elle examina todos os documentos da historia, consulta os historiadores ainda protestantes, e faz ver as contradições que se escutam em muitos factos attribuidos áquelle Papa.

Que se teem exaggerado os crimes de Alexandre VI, e que elle praticou grandes virtudes, é opinião commum dos escriptores catholicos mais judiciosos.

Mas Chantrel vai mais adiante, justificando este Papa de todas as accusações. Elle demonstra que foi Pontifice notavel em virtude, habilidade, energia e talento, e o mais zeloso na propagação do Evangelho e na pureza da fé catholica.

Chantrel não diz cousa nova; limita-se a reunir testemunhos para melhor fazer apparecer a verdade.

Não ha senão uma vingança honrosa que se possa tomar contra elle: é raciocinar contra e melhor do que elle, demonstrando com argumentos que o seu juizo é errado.

Ainda mais uma vez recommendamos a *Historia Popular dos Papas*, e felicitamos o snr. Teixeira de Freitas pela edição d'esta obra monumental.

Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.

(Da «Palavra»).

## RETROSPECTO DA QUINZENA

SUMARIO: O progresso do catholicismo não faz que Braga perca os fructos do progresso material, uma piedosa devoção em estado de verdadeiro progresso — Luiz Blanc congratulando-se por ter uma filha irmã da caridade; um reptil cego pela aureola que circunda a fronte

das irmãs hospitaleiras romita insultos contra ellas; manchas de remorso a mostrar o reprobado. — Um trecho d'um artigo do «Commercio de Portugal» digno de occupar um logar no «Progresso Catholico». — Vingança d'um padre. — Um mago de menos. — Uma festa religiosa na Madeira; um filho de Guimarães no pulpito do Funchal; elogios merecidos. — Um frade ignorante. — Mais ruinas.

Lemos algures que a terra onde o espirito catholico esteja mais desenvolvido, onde as instituições de caridade mais abundem, ali será onde mais se desenvolva o progresso material. E de feito assim é. Quem fór a Braga, quem penetrar em seus templos, quem percorrer as suas ruas, quem assistir ás festividades que ali se fazem, e vir as igrejas a trashordar de fieis, as ruas muitas vezes com vias-sacras, as festividades feitas com toda a pompa, ha de necessariamente dizer: esta gente só cuida na igreja; este povo não se importa com a vida presente, o progresso deve fugir a saltos passos de junto d'estes muros. E que vemos nós? Os velhos edificios cedem e haquearom ao primeiro embate do martello destruidor e deixarem o logar a magnificos edificios que se enfileiram ladeando largas e bem traçadas ruas; um jardim magnifico, que invejarão as primeiras cidades do reino, franqueando suas portas; a machina locomotora, apenas galgado o Douro, para primeiro ás portas de Braga e com seu silvo de alegria, diz aos bracarenses: cá está o progresso do seculo.

E a Associação Catholica está abrindo seus salões ao povo de Braga; a Conferencia de S. Vicente de Paulo, lá vai fazendo tambem o que iguaes instituições fazem em Lisboa, no Porto, no Funchal, etc., e nem por isso o silvo da locomotiva deixa de ouvir-se todos os dias, nem os telegraphos de levar a toda a parte as noticias da capital do Minho.

Uma das devoções de piedade que mais floresce, que mais honra, deixem-me assim fallar, os habitantes da cidade Augusta, é por sem duvida a *Devoção ao SS. Coração Agonizante de Jesus*, erecta na igreja do Collegio e com ramificações em todas as principaes terras de Portugal. E tão florescente é já esta vasta devoção, que ultimamente foi agregado á Archi-confraria, que com o mesmo titulo, está estabelecida em Jerusalem no Jardim das Oliveiras, sendo por esta occasião enriquecida com muitas graças espirituas, concedidas áquelle archi-confraria pelo sempre chorado Pontifice Pio 9.º

A noticia d'esta aggregação foi comunicada ao muito reverendo padre Manoel Martins d'Aguiar pelo reverendissimo Patriarcha de Jerusalem, aggregação que acaba de ser approvada por s. exc.ª rev.ª o snr. Arcebispo Primaz, que tem mostrado o quanto aprecia esta piedosa devoção, fazendo todo o possivel para a ver augmentar e propagar-se, dignando-se inscrever o seu nome no livro dos associados, e dar uma prova de gratidão, ao incansavel trabalhador na vinha de Deus o reverendo padre Aguiar, pelos relevantes servicos que tem prestado a esta piedosa devoção.

O «Progresso Catholico», que, louva-



do Deus, é lido em todas as terras do paiz, faz lembrar ás *devoções filiaes* quanto devem apreçar-se em se munirem dos respectivos regulamentos que, apesar de serem os mesmos que anteriormente vigoravam, quanto á essencia, comtudo marcam alguns dias mais de indulgencias, e aconselham outras praticas piedosas.

\* \*

Luiz Blanc é, como todos os nossos leitores sabem, o maior inimigo dos conventos, do clero, da religião. Não perde uma unica occasião em que possa fustigar essas instituições e bem sabemos o que tem feito. Pois apesar de tudo isto, encontramos no «Pays», jornal de Pariz, a seguinte noticia:

«Affiançam-nos que a filha de Luiz Blanc, tendo terminado o noviciado, vae professar na congregação das irmãs de S. Vicente de Paula.

Acrescenta-se que o pae está satisfeittissimo com a resolução de sua filha e que sempre que está em Pariz lhe faz repetidas visitas.»

Isto diz-nos uma folha de Pariz que o faz um homem que blasona de livre pensador, mas que as *liberdades* que elle quer para os outros as não deseja para as pessoas de sua familia.

Depois d'esta noticia, qual não vae ser o pasmo, a admiração dos nossos leitores ao dizermos-lho que uma insignificancia, uma cousa pequenissima, que para ser vista por Luiz Blanc era preciso que este fizesse uso das melhores lentes que possui o observatorio de S. Petersburgo, saltou ao meio da rua na occasião em que uma irmã da caridade passava, e arremessou-lhe ás faces os maiores insultos, as palavras mais obscenas que jámais foram escutadas por uma mulher a não ser nos bordéis, nos lupanares!

E isto porque uma sua irmã deixára o mundo para entrar na ordem das irmãs hospitalleiras!

Que mal havia feito a este ento abjecto, a este microscopico ciniphe a triste irmã, que, com os olhos fitos no chão, as mãos escondidas entre as dobras do habito, e com o pensamento em Deus, e em alguém qua carecia dos seus cuidados, caminhava, despendida das cousas da terra, pela rua dos Trigueiros? Quando é que a pobre irmã hospitalleira se lembrou de que na terra podicis existir, o atheu mal educado, para assim lhe ferires os ouvidos com palavras que a virtude não sabe ouvir? E' que sois tão pequena, tão humildemente baixo, que receiaes ser esmagado pela sandalia da pobre irmã; sois tão estupidamente irreligioso que vos amedronta o cordão de S. Francisco, pendente da cintura da hospitalleira; sois tão covardemente mau que procuraes dirigir vossos insultos em sitio onde sabeis não encontrar quem vos faça pagar caro a ousadia; sois tão cynicamente mal agradecido que insultaes, na pessoa d'uma pobre irmã, a ordem franciscana, a ordem que vos sustentou o pae, que vos sustenta a vós, que tem sustentado vossas familias!

E' já do domito publico o insulto que se fez a uma irmã da caridade n'esta cidade, e por isso não direi o nome de quem dirigiu o insulto. E que o dissesse, quem co-

nhece o tal sugeito pelo nome? quem sabe da sua existencia?

A cara é que o denuncia.

Deus gravou-lhe na fronte os sulcos que o remorso deixa, e os rapazes, ao vel-o passar na rua, apontam-no uns aos outros como o que insultou a irmã de caridade; os homens serios tem cuidado, ao vel-o, de não cuspir, para não sujar a saliba se araso o vento lh'a arremessasse ás faces; as mulheres, oh! as mulheres! Essas não o conhecem, mas ao vel-o, segredam umas ás outras estas palavras: aquella cara deve ser a do que insultou a irmã da caridade.

E' assim que Deus castiga os atheus!

\* \*

Já que tanto temos fallado hoje de devoção, de irmãs da caridade, não passaremos a outra cousa sem que peçamos licença ao nosso collega «Commercio de Portugal», para transcrever parte d'um artigo seu, inserido no n.º 80.

D'esta vez damos um aperto do mão ao collega e declaramos-lhe francamente que estaremos com elle sempre, ainda que seja, como é, republicano, mas sempre que l'a justiça, e não menospreze a religião, que nada tem com as formas de governo, quando estas não tem por unico fim o demolir, arrazar tudo que seja da Igreja.

Por vezes tem publicado o «Progresso Catholico» artigos em que condemna os governos que demoliram as ordens religiosas, e ao fazer a condemnação, creia o collega lisbonense, não é porque ella recaia so no partido que tem por chefe o sr. D. Luiz I.º O partido que assim fizer, seja qual for a sua bandeira, não será nunca bem visto pelos catholicos ou pelas *sacristias*, como lhe chama o collega, mas nem por isso deixará de ser respeitado e acatado como Deus manda que se respeite todo o poder; e terá todo o seu apoio o partido, que longe de guerrear a Igreja lhe der todas as garantias, seja elle monarchico-representativo, absoluto, republicano, etc., etc. Convénsa-se d'isto o collega, e deixem-no transcrever a parte do seu artigo. Eil-o:

«Os que passam demoliram impiamente as instituições religiosas, atacaram a liberdade, dizendo que a queriam garantir a todos. A lei é a formula social do direito. Quando a lei ataca a liberdade individual, a consciencia, não pode ser expressão do direito. Os que demoliram foram apenas uns demolidores cynicos. Os homens da liberdade desmorrnaram as instituições religiosas, suppondo que sob as suas ruinas esmagariam os adversarios, para quem nem havia tolerancia, nem justiça. «Não perguntaram quem tinha ido abrigar a cabeça debaixo do tecto maldicto»—disse o sr. Alexandre Herculano. Os que passam querem recusar-se a responsabilidade d'esta macula immensa da historia das conquistas da liberdade, que seriam abençoadas por todos, se não tivessem deixado apoz de si um rasto de sangue e lagrimas. Mas elles tiveram pão. Tiveram-no tarde, muito tarde. Estabeleceram-lhes dotação, mas não lhes deram um tecto que os abrigasse na hora extrema, não lhes restituíram a sua familia, não evitaram que mendigassem porque ftham fome.

Fallaes em soccorros? Ouvi o maior homem da vossa geração, o soldado e o historiador—» Os soccorros publicos... Olé homens grandes, silencio! qual é o juro legal de cem milhões! São cinco. Quanto, dizeis vós que atiraes dos vossos balcões dourados aos hélotas da sciencia e do sacerdocio? Uma quota diminuta d'essa quantia. Caiu tambem a arithmetica debaixo das ruinas do passado? Se é crime, dizei-o. Suprima-nos a arithmetica. O que não fica supprimido é a palavra—mentira! Mentistes; porque a somma de que fallaes existe apenas em palavras mais torpemente hypocritas que as da serpente tentadora de nossa primeira mãe, as que se escrevem nas paginas de um orçamento. A realidade é que o monge, o sacerdote se converteu em mendigo! Basta. Ah! tendes a accusação aos que passam formulada pelos seus proprios companheiros na lucta. Prometteram pão aos pobres monges aos setenta annos! mataram-lhes as affeições e riram-se! Não foram as *sacristias* que vos accusaram—foi Alexandre Herculano.

A geração moderna não chora pela restauração dos conventos. Lamenta apenas que os que passaram, invocassem a liberdade para opulentarem os erarios da nação, expoliando os pobres monges, deixando-os morrer á mingua, de carinhos e de pão.»

\* \*

Encontramos em um jornal estrangeiro a seguinte noticia, que bem mostra a caridade evangelica d'um padre:

«Um veneravel ecclesiastic» de Pariz, que fora condemnado pela Communa a ser assassinado, está trabalhando na obra de perdão, a mais extraordinaria. Todos os que tomaram parte na selvageria de tentativa d'assassinato estão envoltos no manto da mais atroz miseria.

Que havia de fazer o virtuoso padre, para se vingar do que lhe quizeram fazer? Anda de porta em porta a pedir meios para soccorrer aquellos infelizes, e por instantancias suas o Cardeal Arcebispo de Paris acaba de fundar uma Associação, que tem por fim sustentar os filhos dos que a revolução fizera infelizes. E' assim que a Igreja Catholica se vinga dos seus inimigos.»

\* \*

Um jornal francez dá-nos a seguinte agradável noticia:

«Foi-nos assegurado por pessoa competente que o principe real da Prussia se demittira de gran-mestre da grande loja de Berlim, cortando todos os laços que o prendia á maçonaria, ordenando a todos os que o rodeam, que abandonem completamente todos os cargos maçonicos.»

Os olhos devem abrir-se a todos os que os tem, ha de permittir-o Deus.

\* \*

Os jornaes da Madeira descrevem-nos a festa que em honra do SS. Sacramento se fizera no Funchal, com a assistencia do venerando e respeitabilissimo Bispo d'aquella diocese.

Da «Verdade» transcrevemos a noti-

cia que segue, não só para mostrar a importância da festa, como por se fallar em um filho da nossa terra, o reverendo padre Mattos, que occupou a cadeira da verdade n'aquella festividade:

«Celebrou-se com todo o esplendor a festa do SS. Sacramento na Egreja do convento de Nossa Senhora das Mercês no domingo ultimo, 31 do corrente.

A egreja estava elegantemente ornada para esta festa e para a de Nossa Senhora das Mercês, que teve lugar no dia 24.

Assistiu S. Ex.ª Rev.ª o nosso virtuoso e amantissimo Prelado, tornando com a sua veneranda presença mais respeitavel e esplendido este acto religioso.

Cantou a missa solemne o muito reverendo snr. padre Ernesto Schmitz, sendo ministrado pelos revd.ºs padres Neves e Philomeno; prégou ao Evangelho o rev.ª snr. padre Mattos. Este douto orador fez, como era de esperar, um brilhante discurso, empregando um estylo accessivel á intelligencia de todos.

Tomou por assumpto o augusto Sacramento dos nossos altares, mostrando evidentemente, que n'este Santo Sacramento da Eucharistia está o Christo unguido do Senhor, Verbo Divino e Elle mesmo Deus e que assim fôra instituido pelo proprio Jesus Christo, como consta da Sagrada Escripura.

O illustre orador tambem mostrou por maneiras muito intelligiveis e agradaveis que é o pão o principal alimento da natureza humana e que todos trabalhem constantemente para ganhar este pão tão necessario á vida corporal e trouxe muito a proposito um trecho do grande padre Antonio Vieira, onde se vê que todos effectivamente trabalham com grande afan, alim de alcançar este pão tão necessario á vida do homem, ou o homem estude ou cultive a terras ou peleje no campo da batalha, tem sempre em vista ganhar o pão da vida; mas que alem d'este pão ha outro mais importante e necessario ao homem, porque se aquelle nos dá a vida do corpo, este dá-nos a vida da alma, como disse Nosso Senhor Jesus-Christo, depois do portentoso milagre dos cinco pães.

Seria longo esboçar todas as passagens e exemplos apresentados n'esto brilhante sermão, que muito edificou a todas as pessoas que tiveram a ventura de o ouvir. Este zeloso e infatigavel operario do Senhor concluiu, recommendando-nos que fossemos sempre obedientes á Sancta Egreja seguindo sempre a sua doutrina para depois recebermos a compensação da nossa obediencia na vida eterna.

Acabada a missa seguiu-se a procissão do SS. Sacramento, acompanhando-a S. Ex.ª Rev.ª e terminou esta solemnidade com a costumada benção do SS. que n'este convento sempre se dá em todos os domingos e dias festivos.

A's religiosas capuchas d'este sympathico convento e ao reverendo e respeitabilissimo Padre confessor, Antonio Gomes Netto, sejam dados os devidos louvores pelo empenho e zelo com que sempre executam todas as devoções e praticas religiosas que alli tem lugar.»

\*\*\*

Os padres são d'uma ignorancia pasmosa, e não só ignorantes, mas até d'uma indolencia a toda a prova. Se não vejamos pela seguinte noticia e tem razão os espiritos fortes de as odiar tão tenazmente.

«O padre Juan Embriaco, da ordem dominicana, assentou ultimamente no passeio denominado do Pincio, em Roma, um admiravel relógio, de invenção sua, movido engenhosamente pela agua. O aparelho de que fallamos, denominado *hydrochronometro*, foi já premiado na exposição universal de 1867; porém n'essa occasião ainda não estava tão aperfeiçoado que desse as horas, nem tambem tinha os melhoramentos que hoje tem, e que fazem com que seja um instrumento de rigorosa precisão. O movimento é regulado por um pendulo que facilita a queda constante de certa quantidade de agua no deposito, o qual tem a forma de cesto. Logo que este está cheio, o que se dá até ao fim de um quarto de hora, desce em virtude do seu pezo o pêo em movimento a roda que vae fazer dar as pancadas na campainha; ao mesmo tempo que isto se faz, a cesta deixa cair a agua por meio de um syphão, e torna a subir, para de novo se encher.

Como aquella machina recebe a agua de uma cascata permanente, não é necessario dar-lhe corda, nem se torna precisa a vigilancia do relojoeiro.»

\*\*\*

Para que trabalharam os frades em Portugal!! Tantos sacrificios, tantos annos decorridos para elevar essas paredes onde se acotava a virtude e o sabor para serem depois o abrigo de. . . . Demos a palavra ao nossa collega do Pombal, o «Progresso Pombalense»:

«O claustro do extincto convento de Santo Antonio, d'esta villa, está reduzido a um deposito de materias excrementicias, sem que para se obstar a esta indecencia tenhamos visto que se deem as ordens precisas.

Fazemos esta advertencia á camera e lembramos-lhe tambem que será facillimo providenciar e conseguir que não se consinta se utilizem d'aquelle l cal para latrinas, ordenando para este fim ao continuo, que conserve fechada a portaria de ferro, que dá ingresso para o edificio.

Não levantaremos mão d'este nosso pedido, e d'outros que temos feito, e em que ainda não fomos attendidos.»

J. DE FREITAS.

## ULTIMAS PUBLICAÇÕES

*Recordações de impressões de Viagens, por João Baptista de Freitas Leal, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra—1.º fasciculo—Inglaterra*

Um livro de viagens é sempre lido por todos os amigos das letras com essa soffre-

guidão, com esse desejo de saber, com essa vontade de conhecer o que se desconhece, com o mesmo interesse com que se lê a carta d'uma pessoa que anda longe de nós, e com que ouvimos a conversa d'um amigo que nos cõe nos braços depois de percorrer o mundo.

Foi assim como nós lêmos o primeiro fasciculo, ou antes volume de 118 paginas, alem de 16 de introdução, que tem o titulo que encima estas linhas, e que firma um nome, já bem conhecido na litteratura catholica portugueza.

N'esta primeira parte leva-nos o snr. dr. Freitas Leal a Inglaterra, e com o seu estylo ameno e impregnado do mais puro espirito catholico descreve-nos tudo que ha digno de admirar-se em Liverpool, Manchester, Londres, Brighton, etc. Não se far-ta s. exc.ª n'este seu trabalho a dar-nos todas as descrições, ainda as exigidas pelo espirito mais investigador, das egrejas, dos asylos, collegios, fabricas, conventos, homiens notaveis, etc., etc.

Ao depor o livro, depois de o haver lido com a attenção, com o interesse com que nós o lêmos, pôde dizer-se que se ha percorrido a Inglaterra em companhia do intelligentissimo redactor da «Verdade», do vicepresidente da Associação Catholica, do Funchal, do presidente da Conferencia de S. Vicente de Paulo, da mesma cidade, titulos estes que tão honrosamente cabem ao auctor do livro de que nos occupamos.

Agradecemos a s. exc.ª a offerta e fazemos votos para que se não faça esperara continuação d'uma obra que não deixaremos nunca de recommendar aos leitores do «Progresso Catholico».

*Os Apostolos, continuação do Martyr do Golgotha, por H. Perez Escrich*

Recebemos o 1.º volume d'esta obra que tem a melhor recommendação no nome do auctor. Para quem conhece o romance de que este é o complemento, o «Martyr do Golgotha», tem a certeza de encontrar n'este a moralidade, alliada á pureza de linguagem que tanto sobresaem n'aquelle.

No «Martyr do Golgotha» fomos levados, guiados por Perez Escrich, desde o Presepe de Bellem até as oscurosidades do Calvario; nos «Apostolos» propõe o auctor fazer-nos acompanhar os discipulos de Jesus Christo desde o momento em que se despersaram para prégarem as doutrinas do Homem Deus até ao dia em que o paganismo caia envolto nos fragmentos de seus idolos.

Ao editor, o snr. Joaquim Antonio Leitão, agradecemos o 1.º volume, e aos nossos assiguantes recommendamos a sua leitura.

*Revista de direito administrativo, publicação mensal, redactada pelo dr. José Caetano Preto Pacheco*

Já por vezes nos temos occupado d'esta publicação, para apreciar a qual nos mi-gam os necessarios recursos. Todavia, reconhecemos a sua importancia, e attenta a opinião das pessoas competentes, o favora-

vel acolhimento que lhe tem dado notáveis juristas nacionaes e estrangeiros, não duvidamos apontar-a como uma publicação unica no seu genero entre nós.

*Guia dos banhistas ou breves reflexões therapeuticamente-hygienicas a respeito de banhos de mar, por J. B. S. R.*

Com este titulo temos a agradecer um folheto editado em Braga pelo snr. Viuva Barreto. Pela rapida leitura que d'elle fizemos achamos digna a sua leitura de attenção das pessoas que costumam banhas-se nas saizas aguas.

*Portugal Pittoresco*

Traz este numero uma gravura representando uma rua do Bussaco e entre outros um magnifico artigo ácerca dos Cedros do Bussaco, firmado pelo snr. ar. Simões de Castro, e outro de não menos interesse—apontamentos para a historia d'Evora.

*O Papa e a liberdade, pelo reverendo padre Constant, dominico e lente de theologia, 1 volume 600 reis, Porto, Manoel Malheiro, editor*

Mimoseados pelo seu editor com um exemplar d'esta obra importante, cumprenos dizer algumas palavras ácerca d'ella, ainda que o seu titulo diz tudo quanto nós poderamos dizer.

Ninguem desconhece, na época presente, que a verdadeira liberdade a doou o christianis no. e se elle a doou, como tornal-a incompativel com elle?

Os que tem o Papado como o representante do despotismo, como o inimigo da liberdade, não sabem o que é o Papa, qual a sua missão, nem sabem mesmamente o que é a liberdade.

Se chamaes liberdade ao assassinar um principe, ao incendiar uma cidade, ao roubar a propriedade, então o Papa é inimigo da liberdade, porque não pôde tolerar o crime; mas se chamaes liberdade a este instincto da humanidade para o bem, para exercer a caridade, para rasgar as entranhas da terra em busca dos metes que devem fazer a riqueza d'um povo, para cortar as

ondas em procura de novos mundos, para cortar os campos em magnificas estradas, para encortar as distancias por meio dos caminhos de ferro, para elevar palacios onde a industria reuna os seus productos fazendo que se abracem as nações n'um abraço de fraternal amor; então tereis o Papa a vosso lado, tereis as suas benções, o seu apoio.

E' uma necessidade conhecer as cousas e dar-lhe o verdadeiro nome: conhecer o Papa e saber ao que se dá o nome de liberdade. Eis o fim do sabio dominicano, autor do livro que nos occupa.

Faça por adquiril-o quem pensa erradamente ácerca do Papa; leia-o attentamente e depois será um amigo do Papa, será amigo da verdadeira liberdade.

A traducção é esmerada, porque o affirma o distincto escriptor Camillo Castello Branco, que a reviu e prefaciou.

E' approvada, no seu original, pelo immortal Pio 9.º, e recommendada por muitos bispos estrangeiros.

Aos nossos leitores recommendamos este livro, bem certos de que não teremos de arrepender-nos em tal fazer.

A. TEIXEIRA.

A's pessoas que tem pedido o 1.º anno do «Progresso Catholico» ser-lhe-ha enviado por todo mez proximo, já brochado e completo.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Teixeira de Freitas rua de S. Damazo, 50 a 54 Guimarães.

FIM DO 1.º VOLUME